

O NOSSO HAKITIA DE TODOS OS DIAS

Por Ilana Feldman* - (Fonte: *Nossa Voz*)

Mistura de espanhol, hebraico e árabe, o hakitia tem sido o dialeto usado por nossa família há algumas gerações, desde que meus tetravôs, Belizia Levy

Pinto Benoliel (Mãe Vida) e David Benoliel (Pai Vu), aportaram no Pará na segunda metade do século XIX – ela era ainda uma criança de colo.

Como tantos outros judeus sefaradim vindos de Tanger, Tetuan e outras cidades ao norte do Marrocos, nossos antepassados chegaram à Amazônia enfrentando a indignação – não desprovida de humor – de suas respectivas mães. Que vas hacer em Brasil, mi hijo? Non beberás caldo, comerás harina e dormirás colgado [na rede]!

Após a diáspora de Portugal e Espanha imposta aos judeus da Península Ibérica, ou Sefarad, a partir de 1492, os sefaraditas que emigraram para o norte da

África, especialmente Marrocos, lá desenvolveram o hakitia, que a norma culta chamaria de “a” hakitia (mas que em nossa família sempre foi masculino):

língua para uso doméstico, imersa na cultura árabe local, da qual pouco restou na forma escrita.

Diferentemente do ladino, criado da junção de hebraico e espanhol, principalmente na Turquia e Grécia, dialeto que produziu um extenso legado cultural, a

cultura do hakitia sobreviveria, quem diria, no Brasil, ainda que precariamente. Em meio a seringais, aldeias indígenas, animais da floresta, doenças

tropicais, estrangeiros de todo lugar e um intenso comércio local motivado pelo Ciclo da Borracha (1850-1910), o hakitia resistiria em plena Amazônia, usado nas casas das famílias judias enquanto comiam maniçoba, açaí com farinha de tapioca, pato no tucupi, pirarucu (dentre tantos outros peixes), farinhas de mandioca, castanhas, dezenas de frutas locais e o valorizado doce de cupuaçu.

Quem ajudava a preparar as iguarias eram as caboclas, geralmente dedicadas ao trabalho doméstico, chamadas de empleadas ou sachenás – categoria que os judeus da Europa central e do leste, falantes do iídiche (dialeto composto pela junção do hebraico com o alemão), conhecem por chicser.

O curioso é que, após tantos anos de convivência com as famílias, as sachenás entendiam e ainda passavam a usar o hakitia. Nessa altura, de nada adiantava

dizer shkêt, a sachená...

Entre preconceitos de classe, piadas de salão, histórias de abu, expressões enfáticas e maledicências inofensivas sobre gente chosmin e soté, o hakitia, mais

o que uma língua falada pelas comunidades judaicas marroquinas em sua diáspora amazônica, era um dialeto a ser usado em situações estratégicas.

Poder se comunicar sem ser compreendido (sobretudo entre sachenás e sachenitos) e lançar mão da ênfase na expressão do medo, na afirmação da fé, na

manifestação de zangas e queixas (sempre com muito humor) e na proteção aos queridos (na verdade “adorados”, de acordo com a afetividade incontida

da família), fazia do hakitia uma genuína manifestação de vida.

Shkêt, a sachenita! ou shkêt, o sachenito! Meus irmãos e eu passamos a infância ouvindo isso, como se nós, os sachenitos, não soubéssemos que os adultos queriam era nos despistar de alguma conversa proibida. Também costumava ouvir só o shkêt!, dito diretamente a mim, para eu não falar o que não

devia, em hora inadequada e diante da pessoa errada (já que era dada a falar demais).

Mais tarde, na escola judaica, entendi que shkêt deveria vir da mistura entre sheket (silêncio, em hebraico) e shkat (silêncio em árabe).

Mas foi minha tia-avó, a escritora paraense Sultana Levy Rosenblatt, quem melhor definiu a força da expressão: “Shkêt para um exército”.

De qualquer modo, seja dito com humor ou brabeza, esse nunca foi um “cala boca” traumatizante. Mais traumatizante era, diante do desejo da boneca

nova ou de qualquer outra bobagem, sentir a interrupção do sonho por um maôt esaf! É muito caro, não dá. Diante da iminência do choro infantil, minha mãe ou minha avó poderiam dizer, gesticulando com as mãos, ahláas... palavra que comporta, aliás, vários sentidos: deixa para lá, deixa disso, não vale

a pena – sempre dito por aquele ou aquela que quer apaziguar uma situação. Ahlás costuma também se associar a eventuais outras palavras, por exemplo,

quando alguém quer comprar algo por um preço exorbitante e ouve um discreto e baixinho alerta do companheiro ou companheira: ahlás, chalampão!

Também estratégico em alguma situação, e insubstituível, é o termo chosmin, usado por nós com frequência. De forma muito própria, a palavra pode

indicar pessoa ou coisa de mau gosto, cafona, vulgar – independentemente do que valha ou de quanto possua. Isso faz do adjetivo chosmin, cujos

substantivos derivados são chosminada e chosminaria (esse último invenção da nova geração), um termo mais interessante do que seu suposto sinônimo em iídiche, shleper. Diferentemente do primo shleper, sinônimo de maltrapilho e pobretão, a crítica à cafonice e à vulgaridade emitida por meio do chosmin atinge pobres e ricos, com o mesmo impiedoso juízo de valor. Mira a chosminaria!

Como não poderia deixar de ser, faziam a alegria das crianças as palavras usadas no lugar dos nomes feios, que perdiam em grosseria e ganhavam em graça.

“O que tem a ver o taha com as calças?”, alguém perguntava e a gente apreciava a zombaria. Hará e harear era sempre útil saber, “fulano é um hará”, ou,

bem mais raro, quando dito em fúria, “vai-te a hará!”. Mas era com as soterices da família (não eram poucas) e as histórias de safon que realmente nos divertíamos.

Conta minha mãe que, na casa de sua avó em Belém, Alia Benoliel Sabat (conhecida como Vovó Lilita), estavam ela e os onze filhos reunidos na sala

quando... escapa um flato. Benjamin, o mais velho, sempre severo e já advogado, faz então um grande discurso sobre a educação e a falta dela, terminando

por se indignar a ponto de dizer, diante do silêncio respeitoso que imperava: “É por isso que eu vou para o Rio de Janeiro!”. Ao que a Vovó Lilita,

decentemente, interrompe: “Meu filho, tu vais para o Rio de Janeiro por causa de um safon?”. E toda a eloquência do orador se esvaiu em

risos mal contidos.

Entre todo tipo de sachens e achenas, abuseros, sotés, chosmins, sachenazeros, chalampões, hamores, sharbeados e haras, é fato

que o hakitia tem sobrevivido em famílias que não trocariam um mousse de cupuaçu por nenhuma outra iguaria (à exceção, talvez, de um doce português).

Como escreveu o rabino Abraham Anidjar, o hakitia foi para os judeus que se instalaram no norte do Marrocos, dispersos de Portugal e Espanha, uma forma de conforto, “folclore quente e aconchegante”.

Para nós, já tão longe de Sefarad, já tão longe do Marrocos e até de Belém do Pará, ficam as palavras que nos singularizam, transmitidas por uma família que só pode ter sido inventada por algum narrador, tão diferente daquele do Velho Testamento, cheio de candura e bom humor.

A grafia das palavras e expressões em hakitia pode mudar de acordo com os grupos falantes e com os usos, já que o dialeto sobreviveu, sobretudo, por meio da oralidade. Por essa razão, algumas expressões são usadas por determinadas famílias e não por outras, ganhando novos derivados.

Esse texto não poderia ser escrito sem a memória da minha mãe adorada, ferazmal, Keyla Belizia Feldman Marzochi.

.

Glossário para o texto:

Abu – mentira

Abusero – mentiroso

Ahlás – deixa para lá

Caldo – canja de galinha

Chalampão – ladrão

Chosmin – cafona, vulgar

Chosminaria – cafonice

Colgado – pendurado

Empleado / empleada – empregado

/empregada

Ferazmal – livre de mal

Halamponice – ladroagem

Hamor – burro

Hamorice – burrice

Hará – cocô

Harear – fazer cocô

Harina – farinha

Hijo – filho

Golor – mau cheiro, fedor

Mahalear – comer

Maôt – dinheiro

Mira – olhe, veja

Sachen / sachená – homem/mulher

(não pertencentes à família)

Sachenazero – mulherengo

Sachenito / Sachsenita – menino /

menina

Safon – pum

Safonear – soltar pum

Shket – silêncio

Sharbeado – bêbado

Sharbeador – beberrão

Soté – maluco, doido

Soterice – doidice

Taha/tahito – bumbum / bumbum

de criança

Expressões:

Maôt esaf – muito dinheiro,

muito caro

Shkêt, a sachenita... – não fale, a

menina está ouvindo ou vendo...

Shkêt, a sachená – não fale, a

empregada está ouvindo...

*Ilana Feldman é doutora em Cinema pela USP e pós-doutoranda em Teoria Literária pela UNICAMP. É carioca de nascença e paulistana por opção, com ascendência paraense e marroquina, bessarábica e italiana, embora saiba que toda identidade é também uma ficção.